

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

KEYLLI LOPES BASTOS

**A BIBLIOTECA E A MEDIAÇÃO DE LEITURA COMO INCENTIVADORAS NO
ÂMBITO ESCOLAR**

Rio de Janeiro

2015

KEYLLI LOPES BASTOS

**A BIBLIOTECA E A MEDIAÇÃO DE LEITURA COMO INCENTIVADORAS NO
ÂMBITO ESCOLAR**

Projeto Final II apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador (a): Professora MSc. Lúcia Maria da Cruz Fidalgo

Rio de Janeiro

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B327b Bastos, Keylli Lopes.

A biblioteca e a mediação de leitura como incentivadoras no âmbito escolar/ Keylli Lopes Bastos – 2015.

49 f.

Projeto Final II (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Orientadora: Lúcia Maria da Cruz Fidalgo

1. Escola. 2. Biblioteca Escolar. 3. Mediação de Leitura. I. Título.

CDU: 027.8-057.874:028

KEYLLI LOPES BASTOS

**A BIBLIOTECA E A MEDIAÇÃO DE LEITURA COMO INCENTIVADORAS NO
ÂMBITO ESCOLAR**

Projeto Final II apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20__.

Prof. Me. Lúcia Maria da Cruz Fidalgo–
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Orientador (a)

Prof. Me. Cristina Paiva
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Professora Convidada

Prof. Dr. Robson Costa
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Professor Convidado

Dedico este Trabalho a minha mãe Dulce Regina e avó Dulce, que tanto me apoiaram e incentivaram. E as minhas Amigas que acreditaram no meu Potencial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelas bênçãos derramadas em minha vida, pois sem ele nada seria efetivado com toda certeza das escolhas feitas e do caminho que tenho traçado em minha jornada terrena.

Agradeço a minha mãe, pois foi essencial pelo apoio e compreensão para que eu pudesse concluir o curso, mesmo diante das dificuldades e longe de casa.

Agradeço minhas amigas de infância que estiveram mesmo distantes, me apoiando e dando-me força para que eu não desanimasse ou pestanejasse, mesmo quando o vento soprava ao contrário.

Agradeço aos amigos da faculdade, Daysid Lucid, Janaína Tavares, Jéssica Serafim, Juliana Ribeiro, Monique Araújo, Ronald Costa e Suzan Nascimento, que me acompanharam durante os quatro anos aturando-me com o humor arredo, quando o estresse falava alto e quando brigas subjacentes eram motivos de virar a cara. Não desistiram de mim, me fortaleceram mostrando que tudo na vida tem os dois lados, que tudo tem equilíbrio, que unidos podemos velejar por mares nunca Dante navegados e que por mais que a tempestade venha o sol logo chega e enobrece a alma.

Agradeço a estes seres amigos que me ajudaram, quando a emoção e lágrimas me dominavam me fazendo gargalhar das piadas e histórias escabrosas debulhadas de experiências encantadoras. Longe de minha família, foram estes a minha família.

Agradeço a Daysid e Janaína que durante um ano e meio moraram comigo e aguentaram meu humor.

Agradeço a essas amigas por me acompanharem horas afins estudando madrugadas e mais madrugadas para provas, seminários, trabalhos e projetos. Foram companheiras em todos os momentos.

Agradeço a Monique pela companhia diária, de trabalhos, festas, boas risadas e amizade sincera.

Agradeço a amiga Jéssica Serafim por ter sido compreensiva, conselheira e constante no meu caminho. Foi o equilíbrio para que eu me mantivesse firme e convicta em minhas decisões. Agradeço ao meu amigo Ronald Costa, que sempre esteve ao meu lado sendo um apoio, ponderado e me aconselhando a nunca desistir. Com todo seu carinho me fez rir diante das situações alarmantes.

Agradeço a uma amiga, que em tão pouco tempo, me conquistou com suas palavras sinceras e firmes de que o que vale apenas é o que nos faz bem. Uma pessoa que me cativou com seu fantástico humor de historiadora dizendo que as histórias que vivemos são engrandecidas com experiências que nos mostram que a vida e a memória são fabulosas, mesmo diante dos desastres que são eclodidos no mundo.

Agradeço a historiadora Joice Serafim por esses ensinamentos, pelas conversas que me fizeram enxergar uma nova maneira de analisar o que está ao meu redor.

Agradeço aos professores de Biblioteconomia pelo aprendizado e interesse em banquetear-me com informações e os conhecimentos necessários para uma boa colocação de abordagem no meu egresso profissional.

Agradeço a orientação em meu TCC I da Professora Ana Senna pelo auxílio na elaboração do meu TCC.

Agradeço a minha atual orientadora Lúcia Fidalgo pela paciência e compreensão em minha orientar no término de meu TCC.

Esses são os meus sinceros agradecimentos a todos que tiveram um papel fundamental para a concretização do meu TCC.

"Dizem que a vida é para quem sabe viver, mas ninguém nasce pronto. A vida é para quem é corajoso o suficiente para se arriscar e humilde o bastante para aprender".

Clarice Lispector

BASTOS, Keylli Lopes. **A biblioteca e a mediação de leitura como incentivadoras no âmbito escolar**. 2015. 49 f. Trabalho apresentado como requisito parcial para a aprovação na Disciplina Projeto Final, Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidade de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

RESUMO

Apresenta como tema central a mediação de leitura e a biblioteca escolar e sua importância como transformadora no aprendizado escolar, considerando seu papel relevante na formação de crianças e jovens em fase de desenvolvimento. Analisa a mudança no quadro do ambiente escolar, de acordo com a Lei 12.244/10 que prevê até 2020 que todas as escolas tenham uma biblioteca e um bibliotecário. Como suporte essencial na biblioteca escolar, a leitura na vida de crianças e jovens auxilia no aprendizado, influenciando para a prática e utilização em sala de aula, de modo que não seja obrigatória, mas prazerosa. A metodologia utilizada é uma pesquisa bibliográfica com base na investigação construtiva do tema proposto e como forma de consolidar, através da informação obtida, o conhecimento das questões pautadas e a autenticidade da pesquisa.

Palavras Chave: Biblioteca escolar. Mediação de leitura. Formação do leitor.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	OBJETIVOS.....	12
2.1	Objetivo Geral.....	12
2.2	Objetivo Específico.....	12
3	JUSTIFICATIVA.....	13
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
4.1	Biblioteca escolar: história.....	14
4.2	Biblioteca escolar na escola.....	21
4.3	Lei 12.244/10 e sua aplicabilidade.....	24
4.4	Mediação de leitura.....	25
5	HISTÓRIA DA LEITURA NO BRASIL.....	32
6	A BIBLIOTECA ESCOLAR E A FORMAÇÃO DO LEITOR.....	36
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	44

A FUNÇÃO DA ARTE

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram àquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar!

Este texto pode ser encontrado em "O Livro dos Abraços" de Eduardo Galeano da Editora L&PM.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda sobre a importância do tema da biblioteca escolar e da mediação em âmbito escolar e como estas podem influenciar para a promoção e democratização da leitura.

O tema proposto vem ao encontro a experiências vivenciadas por mim, enquanto mediadora de leitura em um projeto, A Biblioteca Viva em Hospitais no IPPMG (Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira - UFRJ). As experiências fizeram com que eu repensasse a vida a minha volta, através do universo literário e refletisse sobre o papel da leitura na vida de crianças e jovens. Ao saber que mesmo em situações difíceis de saúde, algumas crianças através da leitura, se transportavam para a história e naquele momento seus problemas eram esquecidos, assim como suas dores e enfermidades, algumas até graves fez com que eu me voltasse para uma área da educação em que não se tem muito investimento ou algumas vezes nenhum. Alguns até se colocavam nos papéis dos personagens e assim se sentiam engrandecidos e mais preparados para os desafios.

O que tornou de fato instigante é que muitos mal sabiam ler, outros desconheciam o que era leitura e outros nunca haviam lido. É percebido nesse instante que a falta do conhecimento, o não estímulo dos pais e até das escolas são fatores preocupantes dentro da sociedade, o que me levou a ter uma visão mais ampliada sobre a importância de bibliotecas escolares e a leitura como difusora do pensamento.

A leitura proporciona ao indivíduo uma visão enigmática de mundo. Em muitos casos, o leitor é transportado para uma realidade em que se modifica o meio o qual está inserido, como quando uma história é relatada ou contada o leitor acaba se comparando ou se colocando no lugar do personagem.

Existem leitores que ao se depararem com a leitura informativa vivenciam o momento construído para uma realidade instrutiva. O leitor apaixonado pelas letras, pela fantasia, pelo mágico, pelo prazer de ler é inconstante em não pausar, mas ir adiante devido à sagacidade do novo, do descoberto, do inovar, de abandonar os problemas a sua volta se teletransportando para um mundo, que embora fictício, torna-se consistente pelo consciente que invade uma nova visão de mundo.

O possível é objetivado, o amargo se torna doce, a autoestima é prazerosa e o viver é redescoberto por novas experiências.

Mediar é mais do que fazer a ponte entre o leitor e o livro, é tornar possível à leitura instigante, reinventando um novo mundo, em que reintegra o leitor e os novos leitores a saborear as novidades de ler o que gosta, não tendo consequências futuras do dessabor de uma leitura forçada ou obrigatória.

A escola, em alguns casos, entra como auxiliadora nessa missão de ajudar o aluno nessa descoberta literária. Ao trabalharem em conjunto, sala de aula e biblioteca escolar, tornam-se aliadas no “combate” ao misticismo de que a biblioteca escolar é lugar de castigo. Não pode nem deve ser, mas pode ser sim um lugar de saberes, de importância vital de estudo, de criatividade, de atividades, de mediar o verdadeiro prazer da literatura, tanto na vida de crianças quanto de jovens.

Por meio de uma visão ampliada sobre a biblioteca escolar e a mediação de leitura o trabalho transcorrerá sobre a consciência e importância desses meios imprescindíveis no ambiente educacional em serem referências e aliados.

Os objetivos propostos no trabalho é analisar se a biblioteca e a mediação de leitura são implemento dentro do processo pedagógico de ensino e aprendizagem nas escolas, na formação do leitor por intermédio ao hábito da leitura e frequência à biblioteca. A relevância do trabalho reflete na magnitude ao estímulo da atividade da leitura, do conhecimento sobre o acervo e da ação conjunta entre escola e biblioteca. Este trabalho adotará a pesquisa bibliográfica com ênfase em referências específicas de autores. É fundamentado em autores conceituados da área que abordam e avaliam os conceitos de biblioteca escolar e sua função educativa e desafios, a mediação de leitura e incentivo a leitura, fatores primordiais da educação, da construção do pensamento e de transformação social.

De acordo com a Lei 12.244/10 toda escola deve portar uma biblioteca escolar e respeitar a profissão do bibliotecário em agir e promover o funcionamento dessas instituições, fontes do saber e aprendizado, tendo a leitura como a ponte entre o leitor e o texto de forma prazerosa e chave para o hábito mágico e estimulante entre crianças e jovens.

2 OBJETIVOS

Seguem abaixo os objetivos geral e específico.

2.1 Objetivo Geral

Abranger a mediação de leitura juntamente com a biblioteca escolar como suportes transformadores e sua importância para atuar no aprendizado de crianças e jovens em formação.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Evidenciar a biblioteca escolar como fonte do saber e auxiliadora na escola;
- b) Promover a mediação de leitura como apoio no aprendizado escolar;
- c) Instigar para a formação de leitores assíduos;
- d) Refletir o papel da biblioteca e do bibliotecário no contexto escolar e na equipe pedagógica da escola.

3 JUSTIFICATIVA

A educação no Brasil implica em uma série de problemas que acaba por excluir parte das camadas pobres da população, em que não é levado em conta sua realidade e suas necessidades. A educação tem um papel importantíssimo na sociedade, pois faz com que seja desenvolvido o conhecimento, a consciência crítica e a libertação.

No Brasil é necessário que na educação, desenvolva atividades que influenciem o aluno para a prática e hábito da leitura e a frequentar ambientes ricos culturalmente e detentores do conhecimento como a biblioteca escolar. Além desses sentirem-se atraídos por projetos que envolvam artes, leitura e assim estimule para uma nova visão tanto para professores, quanto os alunos e a comunidade a sua volta.

A biblioteca escolar e a leitura são de fundamental importância no ambiente escolar. São aliadas na transformação e transmissão do conhecimento, além de auxiliar na educação de alunos e professores quanto ao planejamento de estratégias de ensino e pesquisa. Entretanto, para que se tenha êxito, é relevante que a escola conjuntamente com a biblioteca escolar, aprimore e auxilie no desenvolvimento de atividades de leitura e estímulo ao uso da Biblioteca.

Através da consolidação alicerçada da biblioteca escolar como forma de promover uma parceria entre o alunado, os professores e a direção escolar pode se pensar em uma educação possível, em que através da leitura e atividades extracurriculares pode-se iniciar um processo para acabar com a incoerência de que a biblioteca escolar é um lugar apático e não tão necessário. Através da prática de incentivo ao uso da biblioteca e da leitura de livros, em que não só a escola seja a referência para a escolha literária, mas os alunos tenham uma ação influente quanto ao que desejam ler e o que gostam uma nova realidade pode surgir.

Para tornar-se instigante e encantador, como forma de elucidar os caminhos que levam ao domínio de uma educação possível aliada aos mecanismos informativos como a leitura e biblioteca, é necessário mudar, reconstruir e refazer.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, serão abordados os conceitos de Biblioteca Escolar, a Biblioteca Escolar na Escola, A Lei 12.244/10 e sua Aplicabilidade, Mediação de leitura, como forma de instigar e estimular o leitor para a relevância primordial desses tópicos essenciais para o conhecimento e desenvolvimento de alunos em fase de aprendizado, de acordo com o tema proposto por esse trabalho. O embasamento é focalizado em autores conceituados da área, sendo citados Anísio Teixeira, Michelle Petit, Bernadete Campello, Ezequiel Theodoro Silva, Paulo Freire, etc.

4.1 Biblioteca escolar: história

Para iniciar quanto à origem e função da Biblioteca escolar são dadas primeiramente a Definição do Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (CUNHA e CAVALCANTI. Briquet de Lemos, 2008. p. 48-49):

1. Coleção de material impresso ou manuscrito, ordenado e organizado com o propósito de estudo e pesquisa ou de leitura geral ou ambos. Muitas bibliotecas também incluem coleções de filmes, microfilmes, discos, vídeos e semelhantes que escapam à expressão 'material manuscrito ou impresso'.
2. "Coleção organizada de registros da informação, assim como os serviços e respectivo pessoal, que têm a atribuição de fornecer e interpretar esses registros, a fim de atender às necessidades de informação, pesquisa, educação e recreação de seus usuários. Neste contexto, a palavra biblioteca abrange os objetivos e funções de outros tipos de serviços de informação, que seriam qualificados como centros de documentação, serviços de informação, unidades de informação, entre outros”.

A raça humana sempre teve o desejo de preservar e registrar os conhecimentos, o que levou a pensar em meios alternativos para facilitar a sua recuperação posteriormente. A necessidade de manter esses registros entra em evidência antes da era cristã, por egípcios, sumérios, babilônicos, assírios que já produziam documentos escritos em placas de argila e arquivos informativos, que foram relevantes para origem das bibliotecas.

A origem da Biblioteca não se deve somente aos meios para registro como o pergaminho, papiro, livro ou etc, mas à própria escrita. Martins (2002), afirma que a existência de bibliotecas se materializou antes da dos livros e até mesmo do manuscrito.

Com as Bibliotecas mais antigas da Mesopotâmia e do Egito em que eram formadas, ambas, por coleções de placas de argila e por conjuntos de documentos em papiro e reservadas a um número restrito de frequentadores e das primeiras bibliotecas privadas que era aberta para consulta pública, a Biblioteca escolar de Aristóteles, foi considerada por muitos a mais importante antes da Biblioteca de Alexandria.

No Liceu que fundou em Atenas, Aristóteles estabeleceu, pela primeira vez, uma ligação entre a escola e esse novo espaço intelectual que é a Biblioteca. O que constitui em um marco a história da escola. A ideia proposta por Aristóteles diante dessa nova formação era agrupar sábios e alunos em redor de uma Biblioteca e de coleções científicas, com vista a uma colaboração útil ao progresso da ciência.

Na Alta Idade Média, as Bibliotecas refugiaram-se nos Mosteiros e Conventos. Depois do século X, outras bibliotecas cresceram paralelamente às dos mosteiros e conventos. Primeiro nas escolas catedrais e a partir do século XII, nas inúmeras que se constituíram na Europa.

No Renascimento foi marcado pelo declínio das Bibliotecas Monásticas, tendo as primeiras coleções particulares dos humanistas como o ponto inicial de partida das Bibliotecas modernas.

Atualmente as Bibliotecas estão redescobrando a sua real função na sociedade ao procurar estabelecer um novo patamar para uma nova fase, que contribua para uma educação de qualidade, além de programas que atraiam cidadãos e os instiguem ao seu uso.

Algumas das Bibliotecas na modernidade que tem cooperado para uma melhor abrangência da informação e como atrativo para a população em que se podem citar exemplos é a Biblioteca Parque é um lugar de acesso imediato à informação e ao conhecimento de múltiplos formatos criando um ambiente em que se tenha convivência com a comunidade, contribuindo para a diminuição da violência e inclusão sócia. Além de uma arquitetura

sofisticada, moderna, colorida, acessível e aprazível ao convidar os usuários a novas descobertas, através de uma tecnologia arrojada, a qualidade no atendimento, com oficinas de escrita e narrativa cênicas, exposições, promovendo a leitura e o conhecimento, encontros com escritores e apresentações de teatro e música.

A Biblioteca de Manguinhos, também uma Biblioteca Parque, sendo o primeiro modelo inaugurado no País em 2010.

A Biblioteca Parque de Niterói que foi reaberta ao público em 2011.

A Biblioteca Parque da Rocinha que foi inaugurada em Junho de 2012.

As bibliotecas devem ser caracterizadas como espaços diversificados por oferecer arte e cultura e por não ser somente um lugar para pesquisa e estudo, mas que se tenha convivência, lazer e atividades de interação com todos os agentes da sociedade, sendo as famílias, crianças e jovens, e que estes se sintam como se estivessem passeando por um parque, como a Biblioteca Parque, e não pressionados ou propensos para uma simples e rápida consulta de informação e pesquisa em que se é enfatizado o seu “dogma” da arbitrariedade do passado remoto e restrito para poucos.

Com toda magnificência, a Biblioteca Moderna é mais especializada com um aumento acelerado na produção intelectual em todo o mundo e um público cada vez mais diversificado que procura por variados assuntos e em um tempo cada vez mais curto e que seja acessível. Devido às novas tecnologias introduzidas em seu meio, a Biblioteca Moderna passou por transformações em que se tem possibilidade de diversas tarefas havendo agilidade e um redimensionamento da atividade humana como trazendo uma socialização e encurtando a distância.

Organismo antes reservado a uns poucos, que deviam procurá-la e solicitar-lhe os favores, a biblioteca moderna não apenas abriu largamente as portas, mas ainda sai à procura de leitores; não apenas quer servir ao individuo isolado, proporcionando-lhe a leitura, o instrumento, a informação de que necessita, mas ainda deseja satisfazer às necessidades do grupo, assumindo voluntariamente o papel de um órgão sobrecarregado, dinâmico e multiforme da coletividade. (MARTINS, 2002).

A Biblioteca escolar há tempos tem sido referenciada e questionada pelas críticas quanto a sua atuação na área da Educação. Para um aprofundamento histórico e contemplativo será feito uma análise sobre o seu surgimento.

A história da Biblioteca escolar tem seus primórdios nos colégios religiosos, especialmente nos dos jesuítas que chegaram ao Brasil, em caráter particular no estado da

Bahia, por volta de 1549 chefiados por Manoel da Nóbrega. O motivo era para catequizar os índios e instruí-los.

A relação entre Biblioteca escolar e o contexto escolar está relacionada com a igreja. Conforme Serafim Leite (1942, p. 144), “a Igreja foi à única educadora do Brasil até o fim do século XVIII, representadas por todas as organizações religiosas do clero secular e do clero regular, que possuíam casas no Brasil”.

Com a introdução dos colégios jesuítas primeiramente na Bahia e depois em outras Capitanias foram sendo construídas as Bibliotecas escolares que serviram de apoio ao ensino. Os colégios Jesuítas não foram os únicos a instalar Bibliotecas escolares aqui, outras ordens religiosas a partir do Século XVII começaram, também, a estabelecer seus colégios e a organizar suas Bibliotecas escolares como forma de promover acervo adequado para o seu alunado.

De acordo com Silva (2010 p. 23-24):

Podem ser destacadas, além dos jesuítas, as ordens dos franciscanos, beneditinos e carmelitas, que chegaram em meados do século XVII (ou mesmo que tenham seus registros atestados a partir desse século). A prova de que outras ordens forneceram suas contribuições está nos seus métodos de estudos. Os franciscanos, por exemplo, agregaram métodos de valores experimentais das ciências, valorizando os estudos de ideias franceses, representados, sobretudo pela ideia da ilustração, enquanto os métodos jesuíticos eram essencialmente escolásticos.

Com relação às bibliotecas jesuíticas as localidades que mais se destacaram foram: Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Pernambuco (Olinda e Recife) e Pará. Já as bibliotecas dos franciscanos que mais se destacaram foram as que estavam centradas nas localidades de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Olinda. As de ordem beneditina tiveram suas instalações de bibliotecas escolares no eixo Rio de Janeiro-São Paulo. (LEITE, 1942).

A força dos colégios religiosos na construção das bibliotecas escolares deu-se, expressivamente, até o final do século XVIII, quando começa sua decadência, efetivada em meados do século XIX.

A circular de 19 de maio de 1835, do governo imperial, introduzida pelo Marquês de Pombal proibindo o noviciado, foi uma sentença de morte para os conventos. Algumas ordens, em certas províncias, resistiriam mais tempo que em outras. (MORAES, 2006).

A decadência dos conventos em decorrência da censura introduzida por Pombal, fez com que grande parte do acervo das bibliotecas fosse abandonada e, por conseguinte, perdido por causa da umidade e dos insetos. Esses aspectos foram mais intensos nas bibliotecas de

conventos localizados em cidades tropicais, devido ao clima quente e úmido, principalmente do Norte e Nordeste brasileiros. Outro fator preponderante para a essa destruição foi à falta de pessoal para cuidar do acervo. (CARVALHO SILVA, 2010, p. 30).

Devido essa decadência outras escolas surgiram e focavam em uma educação formal. Assim sendo essas escolas e as Bibliotecas escolares tinham influências religiosas, mas estavam voltadas para estudantes como público infantil, adolescentes, pais e responsáveis.

A partir do século XIX e início do século XX a Biblioteca escolar começa a ganhar um novo formato. Porém as bibliotecas dos colégios particulares começam a se destacarem, pois visavam métodos educativos em ênfase religiosa, uma vez que lá estudava a elite brasileira como os grandes agricultores, empresários, comerciantes e intelectuais.

Pode-se analisar diante dessa realidade imposta pela época em que a origem da Biblioteca Escolar surge como forma de atender a demanda de um período que necessitava de uma estrutura que atendesse os usuários. Outro ponto é que o acervo existente era restrito somente aos integrantes religiosos. O último ponto é que a biblioteca era especializada por conter assuntos religiosos e científicos em que visavam uma educação aprimorada para catequizar os índios, assim como sua instrução.

A partir da década de 70 do século XIX que a biblioteca escolar, principalmente nas grandes escolas privadas com ênfase religiosa nas doutrinas católica e protestante, começa a adquirir a noção que tem hoje. (CASTRO, 2000).

A partir do século XX a Biblioteca escolar adquire um novo espaço a partir de algumas reformas educacionais. A década de 1930 foi crucial para pensar e propor ações no âmbito da biblioteca escolar. Como ressaltam Eggert-Steindel e Fonseca (2010, p. 2) “No âmbito nacional as reformas do ensino pautadas na Escola Nova realizadas por Fernando de Azevedo (1927-1930) e Anísio Teixeira (1931-1935), legitimaram a biblioteca escolar no sistema de ensino”.

A década de 1940 buscou aprimorar uma política nacional de educação, conforme afirma Beirith (2009, p. 157):

Em janeiro de 1946 foram instituídas as Leis Orgânicas Federais do Ensino Primário e do Ensino Normal. Ambas pertencem a um conjunto de leis baixadas de 1942 a 1946 que ficaram conhecidas como Reformas Capanema. Com essas Reformas, toda a estrutura educacional brasileira foi reorganizada na tentativa de estabelecer uma política nacional única para a educação no país.

Nas décadas de 30 a 40 a Biblioteca escolar do século XX é inserida no processo de reforma educacional que valoriza o processo de ensino e aprendizagem e reforça o gosto pela leitura.

É importante enfatizar que o estado de Santa Catarina para a concepção de estratégias educativas visando à solidificação da biblioteca escolar em âmbito local, regional e nacional, uma vez que reconheceu a necessidade de aproximação das bibliotecas escolares de outros instrumentos escolares e comunitários, tais como: liga pró-língua; clube agrícola escolar; clube de leitura; círculo de pais e professores, dentre outros. (SANTA CATARINA, 1946).

De acordo com o documento BRASIL (1942, p. 28 - 29):

O acervo das bibliotecas deve ser composto por [...] livros sobre viagens, ciências naturais (tanto quando possível sob a forma atrativa), biografias, poesias, obras didáticas, dicionários, revistas e jornais ilustrados e outros de interesse educativo. [...] As bibliotecas deverão ser enriquecidas com coletâneas feitas pelos próprios alunos com recortes de jornais, reunidos pelos assuntos: poesias fáceis, poesias para classes adiantadas, artigos sobre economia política, contos infantis, charadas, notícias históricas e outros. Quando houver oportunidade, promover-se-á sessão literária e artística, com finalidade educativa, aproveitando-se, quanto possível, a colaboração de intelectuais, ou artistas que estiverem de passagem pela localidade.

Nas décadas de 1940 e 1950 é enfatizada a importância da composição do acervo e da participação de usuários, discentes e pais na construção da Biblioteca escolar por meios de ações pedagógicas. Assim é afirmado que a década de 50 foi o marco para a construção das Bibliotecas escolares no Brasil, tendo o estado de Santa Catarina como referência nesse processo, tendo instituído ações pedagógicas e legais para a consolidação desses centros informativos e educacionais para auxiliar no ensino escolar.

Porém, nas décadas de 1960/70 e início da década de 80, a biblioteca escolar, em Santa Catarina, perde seu espaço para a biblioteca pública. Em outras palavras, pode-se afirmar que o público e por que não dizer o acervo da biblioteca escolar passa a ter abrigo nas bibliotecas públicas. (EGGERT-STEINDEL; FONSECA, 2010).

Na década de 1990 e na primeira década do século XXI, tem-se um panorama a nível nacional, mas intimidado por políticas “fracas” para o desenvolvimento da Biblioteca escolar brasileira como inicialmente a Criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

(1996) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), que insere a Biblioteca escolar em um discurso como espaço de aprendizado e estímulo à leitura. Outra é a criação do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) pelo governo Fernando Henrique Cardoso em 1997. Está é focalizada em uma política tímida preocupada com a distribuição de livros e não em uma política mais ampla da Biblioteca. Garcez (2007, p. 28) afirma: os livros “Acabam sumindo pela falta de local apropriado (biblioteca), pela falta de tratamento adequado (carência do profissional bibliotecário) e pela falta de dinamização de leituras, reflexo da pouca parceria ou da pouca aproximação entre bibliotecários e professores”.

A análise mediada pelos pressupostos acima é configurada sobre uma perspectiva que é eclodida por um mau gerenciamento desse setor, que é de extrema importância quanto ao ensino e despertar pelas instigações do alunado, em que se é explícito a falta de cuidado e o não cumprimento da lei sobre uma “falsa” identidade de profissionais (professores, às vezes, inspetores) em fim ou não de carreira atuando como agentes sem especialização nesses centros informacionais. Estes não correspondem as reais necessidades do ambiente e acabam por deixar obsoletas essas bibliotecas que são essenciais para a cooperação não só com a direção escolar, mas a sala de aula.

Pode-se afirmar através de uma definição geral de biblioteca a qual se aplica a Biblioteca escolar que é relatada por Lemos (2005, p. 101-102):

Nem toda coleção de livros é uma biblioteca, do mesmo modo que nem toda biblioteca é apenas uma coleção de livros. Para haver uma biblioteca, no sentido de instituição social, é preciso que haja três pré-requisitos: a intencionalidade política e social, o acervo e os meios para sua permanente renovação, o imperativo de organização e sistematização; uma comunidade de usuários, efetivos ou potenciais, com necessidades de informação conhecidas ou pressupostas, e, por último, mas não menos importante, o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os usuários e os serviços da biblioteca. [...] Em geral define-se biblioteca como um acervo de materiais impressos (livros, periódicos, cartazes, mapas, etc.), ou não impressos, como filmes cinematográficos, fotografias, fitas sonoras, discos, microformas, cds, devedês, programas de computador, etc. e mantidos para leitura, visualização e consulta.

Hoje, é possível analisar a função da Biblioteca Escolar como papel central no intuito da aprendizagem da leitura, do desenvolvimento do prazer e hábito da leitura, a capacidade de

selecionar e criticar a informação, na criatividade e utilização de métodos de investigação independente. Dentre as funções da Biblioteca escolar pode ser citado:

- Informação – fornecer informação de confiança, rápida e acessível, oferecer a orientação na localização, seleção e utilização de informação.
- Educação – promover a integração da informação no currículo escolar, facilitar o alargamento compreensivo da informação, promover a educação contínua.
- Cultura – apoio da experiência estética, orientação na apreciação de artes e encorajamento da criatividade.
- Entretenimento – oferecer um espaço lúdico que permita uma utilização útil do tempo de lazer, através da apresentação de materiais e programas de valor recreativo.

Novos papéis são introduzidos no contexto da Biblioteca escolar em que não se restringe somente a auxiliar o aluno e suas dúvidas, mas orientar os estudantes, a saber, a aprender e entender a manusear a informação, tornando-se um espaço multimídia, diversificando assim o espaço para algo mais amplo aos mais variados suportes como informática e etc.

4.2 A Biblioteca Escolar na Escola

A biblioteca escolar é mais do que um centro de informação, ela deve ser, dentro do ambiente escolar, um centro educativo e transformador. “A biblioteca escolar deve ser considerada um centro ativo de aprendizagem” Costa (2004, p. 6). A biblioteca escolar não deve só auxiliar e facilitar o ensino e a aprendizagem, mas participar da vida acadêmica inserida no contexto cultural e cidadania dos alunos.

A Biblioteca Escolar funciona como um centro real e estimulador de cultura, de informação e de lazer. Os serviços prestados à comunidade juntamente com as atividades de intermediação de leitura, deveriam contribuir para a construção de um currículo mais eficaz e orientado para um melhor desempenho individual e coletivo, na formação do futuro cidadão (QUINHÕES, [19--?]) (apud parágrafo retirado do artigo Biblioteca Escolar: ação pedagógica e leitura)).

A biblioteca escolar pode fazer a diferença na vida de crianças e jovens. Uma pesquisa realizada pela Universidade de Denver, nos Estados Unidos, mostrou que estudantes de escolas que mantêm programas em bibliotecas obtêm melhores resultados do que alunos com bibliotecas deficientes. Ao se investir em programas educacionais em conjunto com a biblioteca, portando profissionais especializados, bem treinados, acervo atualizado, materiais informacionais, computadores em rede interligados a sala de aula, estimula o aproveitamento de estudantes, independente do contexto social e econômico inserido.

Para um melhor aproveitamento do ambiente biblioteca, deve se ter a parceria de professores e alunos na ação de atividades que interajam para o aperfeiçoamento de metas e objetivos a serem realizados na biblioteca escolar, como forma de ter conhecimento de projetos e os planos da escola quanto à escolha e aquisição de materiais adequados. A respeito desse assunto Costa (2004, p. 6) afirma que:

A biblioteca escolar é um espaço em que crianças e jovens encontram material para complementar sua aprendizagem e desenvolver sua criatividade, imaginação e senso crítico. É na biblioteca que podem reconhecer a complexidade do mundo que os rodeia descobrir seus próprios gostos, investigar aquilo que os interessa, adquirir conhecimentos novos, escolher livremente sua leitura preferida e sonhar com mundos imaginários.

É necessário um trabalho minucioso e de refúgio com toda equipe escolar em prol de oferecer atendimento único e exclusivo, aberto para que a camada estudantil mude sua maneira de pensar.

Infelizmente, nem todas as escolas portam uma biblioteca escolar que garanta apoio na aprendizagem e prática de habilidades para avaliação e uso da informação, independente da forma, do formato ou mídia, incluindo com sensibilidade a comunicação com a comunidade; que favoreça o acesso a recursos locais, regionais e globais; que organize atividades que estimulem a consciência cultural e social; que promova a leitura, recursos e serviços.

De acordo com o Manifesto da IFLA/UNESCO (2005), “a biblioteca escolar, por ser parte integrante de todo processo educativo, deve dar suporte a formação de leitores, estimular a pesquisa e o compartilhar de ideias”.

Para que esse centro informacional seja fortalecido e vigorado foi criada a concisão da Biblioteca Escolar a Lei 12.244/2010 que estabelece que todas as instituições de ensino

privado ou público contarão com uma biblioteca, considerando que a biblioteca deve conter a coleção de livros, materiais videográficos, documentos registrados em suporte destinado a consulta, pesquisa, estudo e leitura. Pela Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, e a Lei nº 9.674, de 25 de junho de 1998, deve ser respeitada a profissão da classe do bibliotecário assegurando que todas as unidades de informação tenham um profissional bibliotecário para gerir e promover o funcionamento dessas instituições. Nos termos previstos, essa Lei deve ser efetivada num prazo máximo de dez anos (BRASIL, 2010).

Com essa preocupação, Bernadete Campello que coordena na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) o Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE), estabelece alguns parâmetros para criação e avaliação de bibliotecas escolares. “Tais parâmetros constituem em referencial flexível para que escolas, públicas ou privadas, embasem sua decisão sobre a biblioteca com a qual desejam contar. Podem ser catalizadores de mudanças em escolas que entendem a biblioteca como espaço de aprendizagem” (CAMPELLO, 2010, p.7). O mundo mudou, passou por transformações que nos fazem refletir e analisar as coisas de um modo diferente e mais contundente.

As crianças e jovens de hoje, precisam aprender a encarar melhor o mundo a sua volta, adquirindo a bagagem do aprender a pensar de forma coerente, lógica e criativa. O aluno, por si só, deve procurar aprender com as experiências vivenciadas do seu cotidiano, é fazer uma autoleitura do que foi absorvido e explicitado do conhecimento obtido. É preciso adquirir habilidades específicas para lidar com o turbilhão da informação. A biblioteca escolar tem esse papel preponderante no que tange a influenciar a gama de alunos através do universo létrico, cultural, mediático, que faz com que o aluno se sinta livre.

Como disse Michele Petit (2008): “Leitura tem a ver com o segredo, com a noite, com o amor e a dissolução da identidade. Ela pede o mesmo pudor que o amor”.

Para que a influência seja efetiva obtendo resultados satisfatórios é necessário atenção por parte dos agentes bibliotecários quanto a esse mundo tão divergente e explorado que é o fazer ler, estimular ao meio e espaço Biblioteca a não assustar, mas a atrair de forma a convidar os alunos a se sentirem acolhidos e interessados.

No livro “Os Jovens e a leitura: uma nova perspectiva”, escrito pela autora Michèle Petit (2008), é falado um pouco sobre essa questão létrica, desse percurso sobre como fazer com que a leitura faça parte da vida de cada um, através do estímulo de bons livros fazendo com que cada jovem possa encontrar sua identidade, é uma forma de terem uma relação com o mundo exterior.

Através do espaço Biblioteca e que foi observado por Petit, na análise entre diferentes bibliotecas se pôde descobrir o papel desempenhado quanto à luta contra a exclusão e marginalização dos jovens.

A Biblioteca deve ser indispensável à vida acadêmica e cultural da escola, envolvida através de parcerias e interesses mútuos com projetos pedagógicos, nos planejamentos dos professores, ao implementar e avaliar as atividades em conjunto como a organização de exposições, feiras de livros ou encontros com escritores, palestras, sintonizando as relações, atendendo as necessidades da comunidade em que está inserida e estabelecendo diálogos com outras Bibliotecas.

4.3 A Lei 12.244/2010 e sua aplicabilidade

Dentro do âmbito escolar, as Bibliotecas escolares são fontes de informação essenciais inclusas no processo de ensino e aprendizado, mas ao mesmo tempo são espaços inadequados, sem acervo, sem auxiliares e sem bibliotecários e em alguns casos não apresentam sequer uma pequena biblioteca.

A análise realizada pelo MEC (2008) confirma: as bibliotecas escolares públicas encontram-se numa situação crítica em questão de infraestrutura, acervo, suportes audiovisuais e informáticos e, em muitas delas, o profissional responsável por estas Biblioteca não é graduado em Biblioteconomia. Os estudos mostram ainda que há carência de profissionais bibliotecários e a ausência de concursos públicos para este cargo dificultam a utilização dos acervos e a formação de leitores nas escolas.

Em face a essa realidade “menosprezada” surgiu um projeto elaborado pelo Sistema CFB (Conselho Federal de Biblioteconomia) em parceria com os Conselhos Regionais de Biblioteconomia para uma implantação de uma rede de informação dinâmica e eficaz, para uma melhor qualidade no ensino público.

Em 24 de maio de 2010, o Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, através do Congresso Nacional, decretou a Lei nº 12.244/10 que trata da universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país.

Nesse decreto, que foi publicado no Diário Oficial em 25 de Maio de 2010, o Presidente da República sancionou a Lei nº 12.244/10, os seguintes artigos:

Art.1º As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas, nos termos desta lei.

Art. 2º Para os fins desta Lei considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinado a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

Art. 3 Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nos 4.084, de 30 de Junho de 1962 de 25 de Junho de 1998.

Art.4 Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

De acordo com a Lei todas as escolas devem portar uma Biblioteca escolar até 2020, mas para que isso seja vigorado são necessárias ações mais emergentes e contundentes, oferecendo mecanismos para a democratização da educação, facilitando o processo ensino-aprendizagem e contribuindo de forma eficiente na percepção de problemas educacionais, oferecendo informações que ajudem a tomar decisões no sentido de solucioná-los. Procurar ter uma ação conjunta entre Professor e Bibliotecário para que se tenha estrutura e condições de um ambiente propício e instigante a atrair e envolver os estudantes.

4.4 Mediação de Leitura

A mediação de leitura é uma forma de ampliar o universo literário que vai além da sala de aula. É fazer com que o mundo das histórias seja refletido e remetido para além do momento a ser contado. É fazer com que haja interação não só na sala de aula, mas além da sala de aula. Os professores junto com o bibliotecário podem fazer essa ponte que irá ajudar o aluno, não só na apreciação de um bom livro, mas a encarar sua realidade e dificuldades de outras formas.

O mediador é o agente transformador, a ponte intermediária que aproxima o leitor da leitura e do livro, através do amor que tem pelos livros. Para Petit, o mediador “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2008, p. 145).

A leitura tem o “dom” de evidenciar e proporcionar o que se passa em nosso cotidiano. A autora de “A arte de ler” Michèli Petit, em entrevista ao Globo, argumenta sobre pontos relevantes em que Bibliotecários da Comuna 13, de um conjunto de bairros pobres na periferia de Medellín vivem uma realidade alarmante entre guerrilheiros das FARC (Forças Armadas da Colômbia) e Paramilitares. Diante dessa brutalidade vivenciada por jovens, estes encontram nas atividades realizadas por bibliotecários, refúgio para as aflições que são eclodidas pelos seus caminhos.

A autora sabe que mesmo com o apoio oferecido por esses bibliotecários a realidade não mudará do dia para noite. A leitura nesse contexto é tida como um subterfúgio escapatório para uma mente mais livre e aberta das amarguras e para terem um pensamento mais amplo e ativo no sentido de buscarem algo melhor e também de se autoconhecerem, para assim traçarem algo melhor para suas vidas.

Com toda complexidade existente e as dificuldades impostas, no decorrer da entrevista, perguntas são feitas sobre seu estudo nos chamados “espaços em crise” o que em suas respostas com total propriedade ela enfatiza a importância da leitura, tendo-a como um meio de resistir às adversidades, focando em crianças, jovens e adultos pobres que cresceram longe dos livros.

É falado por Petit (2010) sobre uma leitura que não seja imposta, mas acessível, interessante e em que às vezes possam ser uníssonas e compreendidas. A leitura é algo cultural e pode sim construir uma sociedade mais democrática e solidária.

A pergunta sobre leitura ser uma obrigação ou uma necessidade do que um prazer é respondida por Petit com total ênfase e segurança quando diz: “Certos discursos de glorificação da leitura dão vontade de jogar videogame! E os discursos jamais fizeram alguém ler, tampouco as campanhas de massificação para “criar” ou “formar” leitores”. Muitas vezes, como Ela discorre, o estímulo pelo desejo de ler, do gostar de um livro vem de terem visto a mãe ou pai lendo, ou porque as obras que tinham em casa eram assuntos de conversas intrigantes ou divertidas ou porque ouviu uma história contada que de alguma maneira marcou.

O mediador não precisa necessariamente ser somente o professor, pode ser o pai, a mãe, um bibliotecário, um amigo que fez o despertar para ser um leitor. Os mediadores devem

através de suas iniciativas difundirem e multiplicarem atividades lúdicas que sejam estímulos e uma forma de encontrar novos leitores e fazer com que visem e despertem para um mundo de prazer imensurável.

Em um primeiro registro mediático poderia ser incluída como mediadora a família, por estabelecer o primeiro elo entre a criança e o mundo, porém devido, muitas vezes, não ter a dimensão influenciadora sobre as crianças no sentido de motivá-las a leitura, ou por condições financeiras de não incluir no orçamento livros, esse primeiro contato fica anulado.

A mediação de leitura não é restrita há somente um patamar feito entre o livro e o leitor. Mediar à leitura é transpor para além e é encontrado nos mais diversos setores como a arte cênica em que conta uma história fictícia, mas que é encaminhada como uma leitura de contextos que, em muitos casos, são vividos na vida real. A dança em que o dançarino media com o corpo gestos que soam a fala de um caos, uma vida, uma percepção. Os círculos de leitura que são convidativos para o público, a pintura de quadros, exposições, etc, são exemplos de como mediar à leitura é proporcionar para a sociedade o entoar de uma perspectiva de saberes e situações que podem ser intransponíveis ou mesmo relacionadas para instigar a leitura de formas diversificadas.

Contanto a escola juntamente com os professores exerce a função de formar leitores. Para isso é necessário desenvolver mecanismos apropriados para o atingimento pelo interesse e gosto pela leitura em especial entre os alunos. Não precisa necessariamente grandes investimentos, mas usar de criatividade. Dessa forma leitores podem surgir, mas o professor, também, como um mediador deve estar atento aos processos cognitivos, sociais, culturais e afetivos de cada leitor ao desenvolvimento no ato de ler.

Paulo Freire (1996) é um defensor ferrenho da o ato de ler, aprender e compreender a leitura. Segundo ele, “a leitura é uma das formas mais eficientes para a inclusão social das camadas excluídas da sociedade”.

Em alguns casos a leitura é vista como ócio, de fuga, de não trabalho. Para alterar essa imagem distorcida e pensar de uma forma mais ampla quanto à formação do leitor vem se desenhando a imagem do mediador de leitura. A mudança na forma de pensar não depende unicamente do professor, mas da sociedade juntamente com os pais, alunos, bibliotecários e a escola.

A leitura tem o poder de ajudar a mudar e entender o mundo ao enfrentar as crises, os conflitos, as adversidades, traçando caminhos menos insípidos da marginalidade ao dialogar com o tempo e experiências já vividas.

Com os artefatos tecnológicos que hoje aborda crianças e jovens como vídeo games, computadores, *smartphones*, *tablets*, celulares, *Ipod*, TV, pode fazer com que estes percebam a leitura?

E como um dos agentes mediadores o bibliotecário deve buscar aprendizado contínuo e a melhoria de suas qualificações e competências ao se envolver e colaborar com a escola e a biblioteca.

Ao atribuir a missão ao bibliotecário para estimular alunos a se interessarem pela leitura, acaba por contribuir intelectualmente com o benefício de formar leitores assíduos a despertar para adentro do mundo literário. Pois o ato de ler precede o ato de se informar, de avivar momentos e acontecimentos. O mediar à leitura não só é um estímulo, mas é uma forma de despertar o alunado, a sociedade, muitas vezes excluída, para um novo patamar de vivenciar a oportunidade de conhecer, de sair do anonimato para ser transportado para um mundo de ideais possíveis pela forma de não ser mais incerto ou vago, mas reconhecido.

Não basta o bibliotecário ser mais um entre muitos, deve ser um agente diferenciado em que atribui a si competências informacionais ao ser flexível, multicapacitado, aprendendo ao longo da vida. Apto a lidar com a “enxurrada” de informações, com a demanda de pessoas e outros profissionais, ser um leitor ativo, efetivo e entusiasmado ao envolver a comunidade para a leitura, conhecedor das teorias da leitura, sendo um pesquisador ávido ao se preparar enriquecendo sua formação, valorizar as narrativas orais ao aproximar o leitor-ouvinte dos textos literários, conhecer as políticas públicas para o livro e a leitura ao obter recursos para variados fins como ampliação de acervo ou projetos, estar atento às multiplicidades culturais de acordo com o contexto social o qual o leitor está inserido, estabelecer relações afetivas com o leitor ao fazer o leitor descobrir com a atividade o prazer e lazer, trabalhar em equipe, estabelecer parcerias ao estimular e evolver o enriquecimento coletivo, ter competências aplicadas a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e buscar a educação continuada ao se aprimorar e desenvolver criatividade, conduta ética e reflexiva.

De acordo com Campello (2009, p.11):

Na sociedade contemporânea, caracterizada pela abundância de informações sem precedentes, cresce a necessidade de se saber usar as informações e, portanto, o papel educativo do bibliotecário torna-se mais evidente, tendo em vista sua competência específica para lidar com informações. Tradicionalmente, o principal papel educativo do bibliotecário na escola referia-se a promoção da leitura. A ampliação desse papel ocorre com a demanda por um uso mais eficiente dos recursos informacionais na aprendizagem, especialmente quando esta se baseia em teorias construtivistas e quando a escola valoriza a pesquisa como princípio educativo.

A leitura é um importante fundamento para a reconstrução e construção do ser e da sociedade. Ela intensifica para a busca do saber. A leitura depende da motivação recebida e de práticas que favoreçam a opinião e o senso crítico do indivíduo. Para que a criança e jovem sejam instigados pelo gosto da leitura, devem sofrer influência de sua apresentação desde o começo da alfabetização. Desde o momento em que nasce a criança é introduzida a participar do grupo de aprendizagem familiar, social, cultural, por meio de experiências que se processam com o incentivo da leitura no lar ou na escola que irá desenvolver a criatividade, a escrita, o que ouviu e reproduziu.

Segundo Ezequiel Theodoro Silva, “Educadores e bibliotecários tem "grande dose" de responsabilidade no que se refere à formação de leitores em qualquer sociedade letrada. Isto porque, em termos de responsabilidade social, esses dois profissionais são - ou deveriam ser - os mediadores privilegiados na introdução das novas gerações ao mundo da escrita e na condução das mesmas para que, através do trabalho pedagógico, elas se ambientem e se movimentem socialmente através do manejo de todos os bens que são próprios desse universo, de um simples anúncio de jornal às usufruição das obras literárias mais densas e sofisticadas”.

Ler, segundo Paulo Freire (1996), não é apenas decodificar a escrita, vai muito além. É preciso interpretar, compreender, construir o sentido e conhecer a intencionalidade do texto.

A leitura impele a interação de uma ponte entre leitor e autor, estimulando o imaginário da criança através das histórias contadas. Para uma leitura prazerosa, o caminho não é somente a escola oferecer leituras recomendadas, cabe auxiliar a criança para que descubra por si só a diversidade textual, e assim a cada leitura e descobrimento do texto lido a criança ou jovem possam ampliar o seu horizonte sociocultural. A cada livro lido o processo é contínuo, pois se é reinventado e reaprendido a ler, recriando uma nova visão de mundo e do contexto que está inserido. Segundo Oliveira, Wada e Gentile (2006, p. 86) a leitura contribui para:

[...] o desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos meninos e das meninas, proporciona encontros lúdicos, poéticos, gratuitos, repletos de linguagem, que por sua vez, possibilitam o prazer compartilhado das imagens e palavras. Os leitores são remetidos às próprias experiências, o que os leva a lembranças, reflexões e novos conhecimentos.

Mediar leitura é fazer fluir para o despertar de um mundo mágico em que se convive com personagens simples, complexos, bons, maus, egocêntricos, que acabam por envolver a

criança para a alusão de um universo diversificado e mistificado com o mundo real. Para que a mediação de leitura cumpra seu papel determinante e transformador na biblioteca escolar e na vida dos alunos, a escola simultaneamente com a biblioteca não pode ignorar a existência de uma biblioteca aberta, interativa, para a liberdade de crianças e jovens em se deleitar, através da cooperação de professores e bibliotecários, com o material que esta abriga.

O uso bem mediado de bons textos eleva o grau de letramento das crianças em vários aspectos, fazendo com que elas se interessem por mais histórias. É importante que se leia de tudo e que leia algo que estimule a imaginação.

Ler é desabrochar para uma realidade própria que trás atona a história da própria vida, em que acaba sendo evidenciada através de *flashes* que incidem na forma de um autoconhecimento e que permite a um mundo de novas descobertas.

Mediar é fazer sentir fascínio pelo mundo dos sonhos, da história que, muitas vezes se equipara com a realidade. São reflexões constantes, que envolvem o ao redor, e para quem está mediando torna o contado intrigante, fazendo com que a contação seja não só uma passagem, mas comovente emocionalmente.

Os alunos devem se sentir aptos e a vontade dentre o acervo definido para a sua necessidade e preferência de gênero. Em consonância estão os agentes que fazem parte da leitura como o texto escolhido da preferência do aluno, o leitor e o mediador. Em meio à tecnologia, ler por ler não é atrativo. O diferente, que causa curiosidade, é o transportar para uma dimensão que sintonize a realidade gerando o aguçamento do leitor. Formar leitores não é uma tarefa do dia para noite, é degraus que são galgados desde a infância e que começa na própria residência onde os passos do gostar devem ser dados.

“Bourdieu fala um pouco sobre a questão do capital cultural e a escola em que analisa as situações de classe na sociedade e a importância da família como instituição encarregada da transmissão deste capital entre as gerações e não propriamente a escola esse papel”.

“O que a comunicação pedagógica consegue produzir é função da competência cultural que o receptor deve à sua educação familiar.” (BOURDIEU, P. 1977. p.493).

O contato deve ser natural, deve ser explorado, por profundezas enigmáticas que sejam desvendadas pela própria criança que ouve a história contada. Isso é que atrai e que convence que a leitura pode ter um sabor de quero mais. Para os jovens é necessário um atingimento mais interativo, quanto ao mundo que evoluiu e se tornou mais tecnológico, mesmo que o papel nunca acabe, mesmo que o livro físico seja único e incomparável com a tecnologia. “Não só TV e outras formas de lazer desviam leitores jovens da biblioteca, a nossa

“miopia”, também, até porque continuamos a acreditar, ingenuamente, que livro, jornal e revista são os únicos materiais de leitura, ignorando, perigosamente, a “leitura” que os jovens fazem pela parafernália eletrônica e que lhes dá prazer, porque é lúdica, é jogo” (BARROS, 2006, p. 19).

Para uma mediação objetiva, é importante conhecer bem o acervo que o abarca, o mediador, planejar com conhecimento prévio de conteúdo, para a formação e desenvolvimento pessoal do leitor, que engloba o intelecto e imaginário. O mediador deve propiciar ao aluno a leitura na íntegra, levando este a compartilhar com professores e colegas o que foi lido. O mediador, além de amar a leitura, deve estar desabrochado diante de características afetivas, de valorização e respeito à criança e ao jovem, envolvendo competências humanas e políticas quanto ao universo cultural e heterogêneo onde está localizado.

Esse despertar mediativo não deve ser tarefa de uns poucos, mas do conjunto cooperativo e compartilhado dos agentes escolares aliados aos profissionais da informação. A questão não é medir quantos livros se leem, mas a qualidade de se estar lendo um prazeroso livro, que não foi impulsionado como instrumento avaliativo de uma tarefa, mas pelo simples fato de que ler enriquece a mente de saberes desvendado pelo simples ato de se ler um livro escolhido por conta própria ou por uma influência mediadora que infligiu o ápice de um mundo possível pelas histórias desbravadas e relatadas num espaço onde ser aluno é ter voz ativa, é se colocar do outro lado do personagem e analisar a conquista de que a leitura não é obrigatória, mas parte do ser.

5 HISTÓRIA DA LEITURA NO BRASIL

A história da leitura no Brasil é influenciada no período colonial e nos revela que o ato de ler era para poucos inicialmente. Como já característico a diferença entre Metrópole e Colônia eram acentuadas, tanto economicamente quanto politicamente. A religiosidade era um dos pontos culminantes que tornava a igreja como a principal argumentadora da fé e do “conhecimento”.

A influência da intelectualidade francesa nas páginas de livros considerados proibidos era questão de tensão questionada pela coroa portuguesa nas terras da colônia. Estado e Igreja eram “associadas” no sentido em que se sentiam ameaçados tomando dessa forma livros e saberes escolar como influência negativa de ruptura com os laços da colônia.

Diante do temor que se abatia buscava-se no discurso religioso a sua preservação. Naquela época o Padre Antônio Vieira que foi um religioso, filósofo, escritor, orador português da companhia de Jesus, tinha um papel importante quanto os fundamentos religiosos e dizia que “arma letal que havia destruído Adão e Eva era o desejo de saber”.

A vida na colônia era permeada pela religiosidade em detrimento da pedagogia em que pregava a salvação da alma e não à liberdade ao conhecimento.

Em meados de 1759 a Companhia de Jesus era a principal agente da educação no Brasil, e que possuía várias escolas para a formação do clérigo e leigos. Embora houvesse curso superior nos colégios o Rei determinou que continuasse estes dependentes a Universidade de Coimbra. Até 1698 recusou privilégios de alunos das companhias jesuíticas receberem grau, e em 1768 rejeitou um pedido da Câmara de Sabará para a realização de uma cirurgia.

Com a expulsão dos jesuítas e a chegada da coroa portuguesa, juntamente com Marques de Pombal trouxeram e houveram progressos fundamentais para a colônia que visavam a cultura, a implementação de instituições educacionais voltadas para o conhecimento prático que creditou ao estado a responsabilidade pelos processos educacionais nas terras colonizadas.

Contanto tais medidas não foram suficientes e tão mediativas quanto era esperado. Pois os mecanismos propostos educacionalmente não eram configurados como deveriam, pois existia ditado pela coroa, um paradoxo entre progresso e subordinação que alancavam limites impostos pelos colonizadores como a não pedagogia aliado a repressão de inculcar a

obediência e de outro de cultivar a educação para sobrevivência atribuída à iniciativa privada tarefas educacionais cujo sentido restringia-se à reprodução da ordem social.

A prática educativa era ministrada para poucos, o que restringia a uma camada da população que era eletizada e podia se privilegiar em relação à instrução quanto ao conhecimento. A educação privada, apesar de delineada para uma nova percepção dentro da colônia o saber era destinado a aprender as primeiras letras e ao ofício da época de transformar o ambiente doméstico em uma administração do saber, procurando por si a conhecer e se informar, nos livros da biblioteca o caminho para sua formação.

Os primeiros livros que foram encontrados no Brasil foram livros de ordem religiosa ou em latim que os jesuítas enviavam e utilizavam. Por não haver tipografias no período relatado, muito menos máquinas de escrever, esses religiosos copiavam os livros a mão para que seus seguidores pudessem tê-los. Havia censura na colônia em relação algumas obras, como por exemplo, *Metamorfoses* de Ovídio entre outras, mas alguns os tinham e liam.

“Em Ilhéus nos idos de 1574, o italiano Rafael Olivi - talvez o mais afortunado indivíduo em termos de livros de então - tinha uma livraria com 27 volumes, atualizadíssima, que fugia aos padrões, mesmo àqueles que iriam vigor nos séculos posteriores, não se compondo apenas de obras devocionais. Embora estas fossem majoritárias havia um tratado sobre a arte de cavalgar e títulos e autores de ciência e filosofia: *La nuova ciência*, de Nicolo Tartaglia; *Aristóteles*; *Libelus de tactus*; e *Discorsi*, de Nicolo Machiavelli” (MOTT, 1988. Apud. VILLALTA, 1997, p.360).

Embora o volume de obras estivesse crescendo e expandindo as bibliotecas ainda eram escassas e os livros de teor devocional. O acervo da época era composto por resumos de histórias santas, diretivas, exercícios espirituais, livros de novena, etc. Havia um interesse por esses tipos de livros, mas contraditoriamente o interesse pela Bíblia era praticamente inexistente.

A partir do século XVIII, as bibliotecas foram ganhando espaços e seu acervo tornou-se um pouco mais diversificado e foram ganhando as prateleiras livros devocionais, com as obras profanas, o saber da ciência e as ilustrações. Primeiramente os intelectuais foram absorvendo esses tipos de obras e as expandindo-as no decorrer pela colônia, tendo “a capitania de Minas Gerais o avanço mais rápido e significativo em relação ao volume, à leitura e aquisição de obras literárias”. A parcela de pessoas possuidoras de livros era mínima inicialmente, mas diante das mudanças as obras literárias tiveram um percentual acentuado quanto à quantidade superando a de outras capitanias.

Essa disseminação foi fundamental para a preparação posterior de leitura em sua amplitude no Brasil. Com o “enxame” da leitura se pode ver a gradual expansão para outros estados como a Bahia que compunha a maior livraria composta por milhares de livros, no Rio de Janeiro que reunia um grande volume de livros possuídos pelos inconfidentes e eram armazenados em bibliotecas particulares. Já em São Paulo, Maranhão, Pernambuco, Goiás, versavam obras de diversas áreas do conhecimento como história, geografia, ciências, direito e etc.

Se para alguns leitores e ordens religiosas, determinados gêneros trouxeram inquietude e preocupação, obviamente, para os escritores trouxeram prestígio e claro o valor de sua obra a ser divulgada, tendo a história indo de encontro aos nuances da época.

No entanto, na época colonial, embora não se fale com tanta frequência existiu uma “ditadura” com censura e holocaustos que era subversiva e claro que obras que apontasse retrato contextualizado da época eram retidas a proibição. E assim, esses livros considerados “libertinos”, não podiam ser expostos publicamente.

Os livros, também, foram alvos de situações inusitadas como forma de abuso de poder e até mesmo de práticas expurgatórias, sexuais e de atentado ao social por fazer pessoas vítimas de práticas abusivas pelos próprios líderes religiosos, os padres. Mas o livro, também, trouxe para a sociedade uma prática significativa no hábito cultural da sociedade, como o cultivo da prática oral, da leitura em público. Com essa prática analfabetos e os que somente sabiam a língua portuguesa não ficavam em plena ignorância. A prática da leitura privada era vista somente entre a elite. Com isso a leitura foi ganhando um espaço cada vez maior e significativo dentro da sociedade, como espaços para compor o momento da leitura.

A leitura oral foi ganhando na metrópole portuguesa um espaço de prestígio em que se tornou rotina e era comum a contação de histórias em praça pública, audição de leitura presente na Corte. Entre os estudantes de Coimbra, muitos brasileiros se encontravam no meio, onde era debatido sobre determinado conteúdo que continham nos livros.

A difusão da leitura invadiu várias capitanias trazendo novas visões que se estenderam como forma de iluminar a mente acarretando a criação de espaços diversos que tornaram possível a troca de publicações, a realização de exposições, empréstimos e a circulação dos livros.

Mesmo com toda a evolução a leitura e os livros ainda não são totalmente democratizados em alguns lugares. Existem lugares que não possuem o espaço biblioteca para que se tenha uma melhor difusão do acesso aos livros. Silva (1986) reflete sobre ao elucidar:

A “crise da leitura” com índices baixíssimos de qualidade de leitura não é um problema somente de nosso século XX e XXI. Ela vem sendo produzida desde o período colonial, em paralelo com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas bem estruturadas nas escolas e com a inexistência de políticas concretas, menos utópicas, para a popularização da leitura e do livro. (SILVA, 1986, p. 21).

Diante desse quadro repressivo houve uma mudança de pensamento contra a arbitrariedade do domínio colonial que culminou em uma nova era que se faz livre nos dias de hoje, através de projetos como o Proler, Viva Leitura, mediação da Leitura, Contações de histórias, PNLL, etc. Esses projetos visam levar e introduzir a leitura e instigar novos leitores para o hábito inspirador que a leitura proporciona.

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque nela se manifestam particularidades do leitor: suas características intelectuais, sua memória, sua história; é social porque está sujeita às convenções linguísticas, ao contexto social, à política. (NUNES 1994, p.14)

A leitura reitera a sociedade e faz com que através de projetos tanto o individual quanto o social possam abordar para uma nova visão em que as pessoas vão se embrenhando em mundos diversificados que a literatura possibilita.

6 A BIBLIOTECA ESCOLAR E A FORMAÇÃO DO LEITOR

A Biblioteca escolar está fundamentada sobre três pilares essenciais na sua construção: bibliotecários, livros e usuários.

O bibliotecário é necessário para a organização da biblioteca, ele é a pedra angular para a construção desta quanto a gerenciar, criar políticas e fazer deste ambiente o mais amigável possível, ao torná-lo acessível para os que compõem a unidade escola os professores, alunos e técnicos da escola, assim como a comunidade. Deve ser criativo ao estimular, através de atividades culturais e de leitura, os alunos para a frequência ao seu uso.

Os livros compõe a parte fundamental da biblioteca. Quando diversificados amplia o universo de leituras e faz com que a partir dos diversos gêneros as crianças e jovens possam escolher a sua leitura e com o que se identificam.

Existem vários diálogos que permeiam a ideia sobre a questão do livro físico e o digital. Nessa analogia insistente que “assombra” o papel, pesquisadores, professores, alunos e a sociedade em geral se deparam com essa questão que rodeia a comunidade sobre a vida do livro físico e o seu destino. Em uma matéria extraída da Agência Brasil (2014), escolas particulares que adotaram o *tablet* como material didático disseram que facilita, agiliza, não pesa e é portátil. Diante dessa nova configuração a pergunta seguinte faz menção ao livro físico, ele pode acabar de vez?

No artigo da Revista Temática sobre o título “A reconfiguração do livro didático em versão digital: uma ideia de sustentabilidade” o autor enfatiza sobre a nova visão que é dada para o livro digital como um atual modelo de negócio em que possibilita ao usuário funcionalidades desde a anotação, marcadores e tipos de fontes sendo ajustada a necessidade do leitor, além de ser sustentável afirmando, com base em referências de outros autores, sobre a perda de fontes naturais extraídas da natureza sendo prejudicial ao meio ambiente.

Todos esses fatores citados acima contribuem para uma nova formação que vem se configurando como os leitores Tecnológicos ou digitais. As crianças e jovens diante do espectro tecnológico se comunicam a larga distância e encontram por preços mais acessíveis. A empresa *Amazon*, em uma matéria do Jornal O Estadão, vem liderando no mercado usando de estratégias para se colocar como “a número Um” entre os *Ebooks* mais vendidos.

A fala recorrente a inovação é questionável para quem defende o livro físico (papel). Por mais que o tempo passe, a evolução alcance patamares elevados para a formação do leitor, o papel e o contato com ele são insubstituíveis.

Com todos os pós e contras o livro físico é um fator de grande importância na sociedade tanto para crianças, jovens e adolescentes. Toda sua maestria que inclui a capa, as letras e a história em si são convidativas. Por mais que o tempo passe sua forma física não se extinguirá. Há pesquisas e estudos quanto ao teor da aprendizagem sobre impressos e *ebooks* que torna evidente que o livro impresso prioriza a construção da alfabetização, não ficando só na diversão como acontece com o *ebook* em que tem mecanismos de dispersão e podem até mesmo afetar a natureza da conversação.

Para um adulto desinteressado o *ebook* pode ser um fator motivacional como forma de atraí-lo para a leitura. Mas mesmo, o *ebook*, com todo seu aprimoramento tecnológico não substituirá o papel totalmente, pois o livro físico tem um valor único que o torna especial por sua forma, em que se pode senti-lo ao tocar, cheirar e se comover. Ao ler entra-se em contato direto com este que o faz viajar e liberta pela reflexão, o conhecimento que se adquire a difusão do pensamento e da cultura.

Em um estudo produzido por quatro pesquisadores do Joan Ganz Cooney Center, que saiu no Digital Book World, com 32 pares de pais e seus filhos entre 3 e 6 anos de idade, para avaliar as diferenças entre a leitura compartilhada de livros impressos, ebooks básicos e ebooks avançados constatou-se que “os livros impressos favoreceram muito mais a interação física com o livro, em detrimento das elaborações verbais, tanto de adultos quanto de crianças permitindo que se concentrem mais nas histórias sendo importante para a aquisição da linguagem”.

Com todos os ditames de um novo século é perceptível que o livro físico ainda é parte integrante da cadeia educacional e literária de um país, assim como da sociedade.

Os usuários são os que fazem com que a biblioteca tenha sua ação ativa, pois é voltada para estes que a biblioteca é construída e organizada. Estes “dão vida” à biblioteca.

O espaço, Biblioteca Escolar, deve ser aconchegante e aberto a múltiplas atividades e não somente para pesquisa. Deve ir ao encontro à didática da sala de aula, sendo não só um apoio, mas uma extensão da sala de aula, em que professores em parceria com os bibliotecários possam influenciar, positivamente, ao estímulo e uso desta para a prática constante da cultura, da literatura e atividades gerais.

A biblioteca da escola é ainda um espaço de comunicação, aberto ao meio sociocultural que o rodeia, configurando-se por isso como um espaço dinamizador de cultura (SÁNCHEZ-FORTÚN, 2003).

É sem dúvida a base para a formação do leitor, levando-o a experimentar o prazer, não de um castigo, mas de se deleitar pela biblioteca e seus afluentes livros devido à

abundância de gêneros diversificados. Para que isso aconteça é necessário investimento, pois nem toda escola possui uma biblioteca, ou se possui não abarca as competências que são fundamentais para abrigar a gama de professores e alunos quanto as suas necessidades.

É necessário que o conhecimento que abrange esse centro informacional seja difundido e dinamizado, para que o ensino seja enriquecedor e próspero no que tange a sociedade alunos, tendo como coadjuvantes da formação leitura os professores e bibliotecários.

A biblioteca escolar e a leitura são dois fatores que contribuem para a construção do ser, moldando-o não para ser mais um na sociedade, mas um ser pensante, um ser que age e modifica o meio a sua volta, revertendo situações conflitantes como descaso com a educação, para que se tenha um alicerce educacional seguro e que contribua para ampliar a sociedade escolar a progredir no desenvolvimento intelectual.

A análise reflexiva possibilita a compreensão de nós mesmos quanto ao entendimento do mundo que nos cerca, do que é assimilado ao ser ensinado, ao ler e interpretar, ao usar habilidades, dons e talentos para modificar a visão distorcida desse ambiente biblioteca.

A leitura em sua forma estonteante liberta da dúvida levando a inconstantes momentos de uma memória afetiva que jorra para um tempo já construído. Nas diferentes tribos da vida, a população, com seus desafios subjugados vê na perdição do intelecto sua destruição pela estrada em que se finda o conhecimento detido e que se persistir pode ser perdido definitivamente.

O Brasil está a passos de “tartaruga” quando é remetido pela fala educação. As dificuldades advindas são incontáveis, desde estrutura a falta de profissionais habilitados. O que se busca é a qualidade, é a justa oportunidade para que o país não seja “dissipado”, mas sim um diferencial quanto a todos usufruírem em igualdade de condições.

Segundo Ivone, Wisniewski; POLAK (Ivone *apud* Silva, 1997, p.53), sobre as escolas públicas que não possuem Bibliotecas de qualidade afirma que: “a maioria das escolas públicas brasileiras não possui biblioteca e as que possuem estão em estado calamitoso de funcionamento, seja em nível de organização, seja em nível de atualização de acervos. Esta aberração é complementada por uma distorção completa das funções da bibliotecária dentro da escola, pois geralmente a biblioteca é conduzida e controlada não por uma especialista, mas por uma professora em fase de se aposentar”.

Diante da complexidade chamada mundo, cada vez mais se percebe, mesmo que em primeira instância não nos damos conta, que aceleramos os passos e comemos afobadamente. Será que enxergamos o que está a nossa volta? Será que estamos sensíveis a perceber o que se

passa a nossa frente? As reflexões são inúmeras. E como o velho tempo nos trás lembranças de um passado remoto, o novo tempo nos mostra que não temos tempo de enxergar o óbvio.

A música do cantor Lenine sobre o título “Paciência” nos fala exatamente isso.

PACIENCIA- LENINE

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
A vida não para

Enquanto o tempo
Acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara

Enquanto todo mundo
Espera a cura do mal
E a loucura finge
Que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência

O mundo vai girando
Cada vez mais veloz
A gente espera do mundo
E o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência

Será que é tempo
Que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo
Pra perder?
E quem quer saber?
A vida é tão rara
Tão rara

Mal nos permitimos pensar, mal nos deixamos compreender, enquanto as horas se dissolvem, a sensação é de estarmos continuamente atrasados e “bitolados” em fazer tudo andar o mais rápido possível antes que o tempo acabe.

A tecnologia, às vezes, torna as pessoas sedentárias e robóticas. Não se tem mais o contato afetivo e humano, pois tudo se resolve “milagrosamente” com um simples clique. A evolução trouxe progresso, mas o progresso trouxe a distância, mesmo que facilite, agilize e

encurte o tempo para promover o benefício ela tem tornado as pessoas “enclausuradas” em seus próprios “mundinhos”.

A análise da música nos mostra que precisamos ter paciência, “a vida é rara” precisamos saborear seus deleites. É preciso ter paciência, mesmo em meio ao caos que nos abate, que nos aflige diariamente. É necessário um equilíbrio quanto à vida, que só temos uma. Precisamos organizar tempo para família, amigos, apreciar um bom livro, um bom passeio, a natureza e até mesmo nos enxergarmos. “A vida é tão rara”!

Muitos esperam algo a mais de nós, mas estamos dispostos a dar? Estamos dispostos a mudar?

Diante de uma realidade que vem se configurando nos últimos tempos quanto à questão dos *e-books*, celulares, redes sociais, toda a interatividade na palma da mão em questão de um click, pode-se perceber que o livro físico não perdeu sua importância, mas ganhou novos formatos, embora o número de leitores ainda não seja tão acentuado.

A pesquisa realizada Retratos da Leitura no Brasil revela um quadro não muito favorável à leitura, embora se tenha índice de leitores. Os dados extraídos mostram uma estatística de crianças e jovens quanto ao hábito de ler o que gostam e se é uma obrigação ou não.

A cada quatro anos a pesquisa sobre, Retratos da Leitura, é realizada pela Fundação Pró-Livro e pelo Instituto Ibope Inteligência. E de acordo com essa pesquisa retirada de uma matéria do Correio de Uberlândia, os jovens estão trocando o seu tempo livre pela televisão, escutar rádio, celulares, redes sociais, etc. O índice revela que 24% dos jovens cultivam o hábito de ler, sendo que em 2008 eram 36% tendo uma diminuição no número de leitores.

O ideal seria que cada brasileiro lesse em média de oito a dez livros por ano. De acordo com o Diretor do Ibope Inteligência, Hélio Gastald, em uma entrevista para a Agência Brasil essa diminuição é refletida pelo aumento da expectativa de vida e a redução de brasileiros em idade escolar. Mesmo, diante desse quadro, uma mudança significativa, como aborda Karine Pansa Presidente do Instituto Pró-Livro, é o incentivo dos professores quanto à literatura a ser lida incentivando-os positivamente para o hábito da leitura.

Outra alternativa para que esse hábito não se perca, em que um novo quadro vem se configurando, é o uso dos *e-books*, que a pesquisa apontou que 54% gostam muito do hábito, 40% gostam pouco e 6% não gostaram da experiência. Sendo que 48% afirmou vir a utilizar o hábito. Com todo esse aparato tecnológico os livros impressos não desaparecerão, pois existem professores de escolas públicas que estão preocupados com a formação de seus alunos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi abordado o assunto sobre biblioteca escolar e a mediação de leitura como pontes essenciais de transformação no meio escolar e a importância da escola em abarcar esses dois elementos como forma de auxiliar no aprendizado escolar e estímulo para que alunos frequentem a biblioteca e criem o hábito da leitura. O trabalho foi construído sobre a base teórica discutida no trabalho e as referências bibliográficas baseadas em autores da área.

A Biblioteca escolar deve ter a função de um espaço como “organizadora” e difusora da produção cultural científica junto a crianças e jovens que frequentam as escolas brasileiras. Luís Milanesi sobre a questão da Biblioteca escolar disse (1998): “[...] o subdesenvolvimento começa nas escolas sem bibliotecas adequadas, um espaço ausente que dá o caráter da vida escolar brasileira, ainda mantida sob a tutela discursiva dos professores, tão impositivos quanto mal remunerados. Enfim, o subdesenvolvimento nacional começa numa escola que, mesmo tendo uma biblioteca, não sabe o que fazer com ela, pois dentro do sistema de ensino que prevalece não há lugar para ela”.

Pela Lei 12.244/2010 sabe-se que toda escola até 2020 deve ter uma Biblioteca e um bibliotecário. É notável o descaso por parte de algumas prefeituras e instituições que isso ainda está longe de acontecer. Muitas têm salas de leitura que não substituem a Biblioteca, um espaço que não só deve atrair e abarcar o alunado, mas transformar o ambiente educativo de modo que seja um espaço democrático, interativo, criativo, com propostas inovadoras de incentivo a pesquisa e à leitura.

Um lugar que faça o leitor sentir vontade de ficar e voltar sempre para novas descobertas.

Outra forma acerca do que foi escrito ao longo dos capítulos é a mediação de leitura, uma forma convidativa e atrativa dentro do espaço Biblioteca. É uma atividade que não deve ser entendida como só de linguagem, mas cognitiva, em que se devem construir sentidos afetivos e que seja uma leitura de interesse de todos e não maçante.

Affonso R. de Sant’Anna (1994, p. 7) disse: “Não basta zelar pelo patrimônio físico, não basta restaurar obras raras, [...] não basta conectar nossos computadores com os computadores de todo o mundo, é necessário formar leitores. Afinal, todo o nosso trabalho só

tem sentido em função desse personagem anônimo e fundamental, o leitor. [...] A transformação do país passa necessariamente pela leitura”.

Com toda a tecnologia existente atualmente, e a baixa de leitores, nem tudo está perdido. É necessário políticas de incentivo ao hábito de promover a leitura com parcerias entre o governo, municípios e escolas como forma de atrair crianças e jovens a despertar para a leitura de forma aprazível e espontânea.

É preciso que as escolas se conscientizem do quão essencial é ter o espaço Biblioteca, assim como iniciativas de promoção a leitura e de valorização destes para uma melhor dinamização de espaços e ambientes apropriados para o acesso e uso do livro, de incentivar profissionais para desenvolverem ações de incentivo a leitura e revitalização de bibliotecas, além de parcerias com a sala de aula e professores em prol de uma melhor harmonização educativa. E como diz Michele Petit (2010): Afinal, no fim das contas, por que alguém se torna leitor? Na maior parte do tempo, porque viu a mãe ou o pai mergulhado nos livros quando era pequeno e se perguntou que segredos eles podiam desvendar ali. Ou porque eles leram histórias em voz alta, dando à criança liberdade de ir e vir, sem conferir constantemente se ela tinha entendido bem. Ou ainda porque as obras que havia em casa eram assunto de conversas intrigantes ou divertidas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Filipe; NICOLAU, Marcos. A reconfiguração do livro didático em versão digital: uma ideia de sustentabilidade. **Revista Temática**. Ano IX, n.1, p.2 jan.2013.

ANDRADE, M. E. A. **A biblioteca faz a diferença**. In: A BIBLIOTECA escolar: temas para uma prática pedagógica. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 13-15

APONTAMENTOS PARA UMA BREVÍSSIMA HISTÓRIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR. Disponível em:

<<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/lugares/nunogoncalves/apontamentos.htm>> Acesso em 20 de Out. 2014.

AQUINO, Yara. **Escolas particulares adotam tablets em substituição ao livro impresso**. Disponível em: < <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2014-01-17/escolas-particulares-adotam-tablets-em-substituicao-ao-livro-impresso>> Acesso em: 20 de jun.2015.

BALÇA, Ângela Coelho de Paiva. **Vamos à biblioteca!** – o papel da biblioteca escolar na formação de crianças leitoras. Disponível em:

< <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/379/414>> Acesso em: 20 de jul.2015.

BARROS, Maria Helena T.C. de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José Da. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: Ed. FA, 2006.

BEIRITH, Ângela. As escolas isoladas de Florianópolis no contexto da regulamentação do ensino primário (1946-1956). **Revista Linhas: Revista do Programa de Pós Graduação em Educação**, Florianópolis, v. 10, n. 02, p. 156 – 168 jul. / dez. 2009.

BENASSI, Vera Lucia Mazur; SVELI, Isméria de Lourdes. **A leitura e a ausência da biblioteca escolar**. [s.l.]. p.1-12.

BIBLIOTECAS PARQUE ESTADUAL.

Disponível em:< <http://www.bibliotecasparque.rj.gov.br/>> Acesso em 20 de set. de 2014.

BORTOLIN, Sueli; GOMES, Luciano Ferreira. Biblioteca escolar e a mediação de leitura. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 2, p. 157-170, jul./dez. 2011.

BRASIL. *Lei n. 12.244 de 24 de maio de 2010*. Dispõe sobre a Universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no País. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm> Acesso em: 20 de nov. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. **Guia das bibliotecas brasileiras**: registradas até 31 de dezembro de 1952. 3.ed. Rio de Janeiro:[Imprensa Nacional], 1955.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (1. a 4. séries). Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CALDIN, C. F. **A oralidade e a escrita na literatura infantil**: referencial teórico para a hora do conto. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 13, p. 25-38, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n13p25/5213%3E>> Acesso em: 25 de nov. 2013.

CAMPELLO, Bernadete. (Coord.). **Biblioteca Escolar como espaço de produção do conhecimento**: parâmetros para biblioteca escolar. Belo Horizonte: UFMG/ GEBE, 2010.

CAMPELLO, Bernadete Santos et.al. **A Biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2.ed. 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 64.

CAMPELLO, Bernadete. **Letramento informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.11.

CANFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida**: histórias da biblioteca de Alexandria. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000. 287 p.

COSTA, A. L; HILLESHEIM, A. I. A. Atividades de incentivo à leitura na escola básica Padre João Alfredo Rorh. Extensio, Florianópolis, v.1, maio, 2004.
Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/viewFile/1083/4359>>
Acesso em: 25 de nov. 2013.

CUNHA, Murilo Bastos de; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de **Oliveira. Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008. p.48.

EGGERT-STEINDEL, Gisela e FONSECA, Caio Faria. **A biblioteca escolar**: participante da promoção da justiça e êxito escolar. In: VALLE, Ione Reibeiro; SILVA, Vera Lucia Gaspar da e DAROS, Maria das Dores Daros (Org.). Florianópolis: Ed. UFSC, 2010.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Na amazon , ebook vende mais que livro de papel**. Disponível em: < <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,na-amazon-ebook-vende-mais-que-livro-de-papel-imp-,721630>> Acesso em: 20 de abril.2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 48 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, Eduardo. A função da arte. In: _____. **Livro dos abraços**. 9.ed. Porto Alegre: L&PM, 2002. p.12.

Holdad, Sérgio. **Educação e exclusão**. Disponível em:
<www.acaoeducativa.org.br/index.php/todas-noticias/1214-educacao-e-exclusao-artigo>
Acesso em: 07 de out. 2015.

IFLA/UNESCO. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. BRASIL: IFLA/UNESCO, 2005. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf>
Acesso em: 10 de maio. 2014.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1997.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. V. 7. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

LEMOS Antonio Agenor Briquet de. Bibliotecas. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra. (Org.). **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005. 184p.

MACHADO, A. **A implantação de bibliotecas escolares na rede de ensino de Santa Catarina** (décadas de 30 e 40). 132f. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Centro de Ciências da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MARTINS, J. (2001). **La biblioteque du cair**. Recuperado em 31 de nov. 2002.
Disponível em:< [http:// www.terravista.ptmussulo/3000/cairo.htm](http://www.terraviva.ptmussulo/3000/cairo.htm). > Acesso em: 20 de jul.2014.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MEC. **Programa Nacional Biblioteca da escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras**. Secretaria de educação Básica, Coordenação-Geral Materiais Didáticos, elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva. – Brasília: Ministério da educação, 2008.

MELO, Eduardo. **A estratégia n.1 para colocar um ebook entre os mais vendidos**. 05.dez. 2012. Disponível em: <<http://revolucaoebook.com.br/preco-baixo-fator-determinante-para-colocar-ebooks-nas-listas-dos-mais-vendidos/>> Acesso em 15 de maio. 2015.

MELO, Eduardo. **Livros são isentos de impostos. Ebooks pagam. Logo, ebooks não são livros?** Disponível em: < <http://www.simplissimo.com.br/livros-nao-pagam-impostos-e-books-pagam-logo-e-books-nao-sao-livros/>> Acesso em: 15 de maio. 2015.

MELO, Eduardo. **Crianças aprendem muito menos com ebooks avançado, mais com impressos e ebooks básicos**. Disponível em:< <http://revolucaoebook.com.br/criancas-aprendem-muito-menos-com-ebooks-avancados-mais-com-impressos-ebooks/> > Acesso em: 15 de maio. 2015.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. 107 p.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. 259 p.

NUNES, José Horta. **Formação do leitor brasileiro**: imaginário da leitura no Brasil colonial. São Paulo: UNICAMP, 1994.

PAIM, Elison Antonio; PRIGOL, Valdir. **Mediação e formação de leitores**. [s.l]. 7p.

PACHECO, Pablo. **Pesquisa retratos da leitura no Brasil mostra que livros ficam em segundo plano**. Disponível em:

<<http://www.correiodeuberlandia.com.br/entretenimento/pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-mostra-que-livros-ficam-emsegundo-plano/>> Acesso em: 20 de jul. 2015.

PATTE, Genevieve. A biblioteca e a escola. In. _____. **Deixem que leiam**. Tradução de Lenny Werneck, São Paulo: Rocco, 2012, p.336.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Ed. 34, 2008. 192p.

PETIT, Michèle. A arte de ler. [20 de fevereiro, 2010]. Rio de Janeiro: **O globo**. Entrevista concedida ao Globo. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/02/20/entrevista-com-michele-petit-autora-de-arte-de-ler-267856.asp>> Acesso em: 16 de maio. 2015.

PIMENTEL, Oswaldo Lenine Macedo. **Paciência**. Disponível em:

<<http://letras.mus.br/lenine/47001/>> Acesso em: 20 de maio. 2015.

PINTO, Ana Lúcia; ZAGALO, Nelson; COQUET, Eduarda. **Pedra, papel ou digital**: onde lê, como lê e o que lê a criança na era digital. Disponível em:

<http://www.researchgate.net/profile/Ana_Pinto32/publication/258386830_Pedra_papel_ou_digital_onde_l_e_o_que_l_a_criana_na_era_digital/links/00b49530c7ff317073000000.pdf> Acesso em: 20 de maio. 2015.

RANGEL, J.N.M. **Leitura na escola**: espaço para gostar de ler. Porto Alegre: Mediação, 2005.

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. Disponível em:

<<http://www.brasil.gov.br/cultura/2015/07/retratos-da-leitura-no-brasil/view>> Acesso em: 18 de jul.2015.

RIBEIRO, Marlene. **Exclusão e educação social**: conceitos em superfície e fundo.

Disponível em:< www.scielo.br/pdf/es/v27n9h/a09v27n94.pdf> Acesso em: 07 de out.2015.

SANCHÉZ-FORTÚN, José. **Literatura infantil**: claves para la formación de la competencia literária. Málaga: Aljibe, 2003.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Para começar, leia isto**. Caderno de Leitura. Rio de Janeiro: PROLER, V.1, p. 7, 1994.

SANTA CATARINA (Estado). **Decreto N. 3.735, de 17 de dezembro de 1946.** Regulamento para os estabelecimentos de ensino primário no Estado de Santa Catarina, Santa Catarina. Florianópolis: Imprensa Oficia 1946.

SANTANA, Ricardo. **Sedentarismo X tecnologia.** Disponível em: <http://www.odiarionline.com.br/noticia/12394/SEDENTARISMO-X-TECNOLOGIA>> Acesso em: 10 de out. 2015.

SANTOS, Carmelice Aires Paim Dos. **Breve história da leitura no Brasil:** os livros, as tensões e os saberes na colônia (séc. XVIII). UNICAMP. 7p. Disponível em: http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem17/COLE_1267.pdf> Acesso em: 15 de abr.2015.

SECRETARIA DE CULTURA DO RJ. Disponível em: <http://www.cultura.rj.gov.br/projeto/bibliotecas-parque>.> Acesso em 20 de set. de 2014.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **INFORMARE** - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. v.1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995.

SILVA, Ezequiel Theodoro Da. **Leitura na escola e na biblioteca.** 5. ed. Porto Alegre: Papyrus, 1995.

SILVA, Ezequiel T. **Leitura na escola e na biblioteca.** Campinas, SP: Papyrus, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro Da. [3 de maio, 2013]. **Pesquisa mundi.** Entrevista concedida a Pesquisa Mundi. Disponível em:< <http://www.pesquisamundi.org/2013/05/entrevista-ezequiel-theodoro-da-silva.html>> Acesso em: 30 de abr.2015.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. **Uma análise sobre a identidade da Biblioteconomia: perspectivas históricas e objeto de estudo.** Olinda: Edições Baluarte, 2010. 99p.

SILVA, Waldeck Carneiro Da. **Miséria da biblioteca escolar.** São Paulo: Cortez, 1995 v.45.118p.

SISTEMA DE ESCRITA. Disponível em: < <http://www.tipografos.net/escrita/index.html>> Acesso em 08 de out. 2015.

TECNOLOGIA APROXIMA QUEM ESTÁ LONGE E AFASTA QUEM ESTÁ PERTO. Disponível em:< <http://odia.ig.com.br/noticia/mundoeciencia/2014-06-07/tecnologia-aproxima-quem-esta-longe-e-afasta-quem-esta-perto.html>> Acesso em: 10 de out. 2015.

UNESCO/IFLA. **Manifesto da IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar.** 2009. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 29 de set. 2013.

WISNIEWSKI, Ivone; POLAK, Avaniilde. Biblioteca: contribuições para a formação do leitor. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9, ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009. Anais...PUCPR, 2009. p. 1-13.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura no Brasil**: sua história e suas instituições. Disponível em:
< <http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html>> Acesso em: 15 de abr.
2015.